

## Mitos Torguianos e a Formação de Portugal

*“Que falta fazem os mitos, afinal!”*  
(Torga, “Diário”, 6-8-1976)

*“(...) a mais rica humanidade só tem uma coisa para dizer e (...) apenas se deve esforçar por dizê-la o melhor possível de todas as maneiras possíveis”. (11-10-1979)*  
(Torga, “Diário”, 11-10-1979)

**Palavras-chave:** Absoluto, Amor, Comunitarismo, Descobrimientos, Destino, Liberdade, Literatura, Megalitismo, Mito, Nação, Verdade, Turismo e Universalismo.

À medida que avançamos com o estudo da obra do autor de *Portugal*, consolida-se em nós a convicção de que “a coisa” que Miguel Torga tinha “para dizer” era que há “uma tríade bendita, que justifica a passagem de qualquer homem por este mundo.” (“Diário”, 9-12-1993). Essa “tríade bendita” é: “o amor”, “a verdade” e “a liberdade”. (“Diário”, 9-12-1993).

E, muito provavelmente, a maneira mais forte que Torga encontrou para dizer essa “coisa” foi através da mitificação da sua pátria.

Claire Cayron, tradutora francesa da obra torguiana, afirmava que Torga tinha elevado Trás-os-Montes à categoria de mito. A nós afigura-se-nos que Torga, ajudado essencialmente por Camões (“Os Lusíadas”), Teixeira de Pascoaes (“Arte de Ser Português”), Cortesão (“Portugal – a Terra e o Homem”) e Pessoa (“Mensagem”), elevou à categoria de mito não só o *Reino Maravilhoso*, mas Portugal todo.

De Portugal, onde está como um gajeiro na gávea duma caravela, o autor de “Cântico do Homem” observa o “local” e o “universal”, e sente que através da História (incluindo a Pré-História) do seu país mitificado pode passar a sua mensagem [e talvez, também, atingir o que sempre procurou como escritor – “o absoluto” (ver, “Diário”, 15-10-1958)].

São inúmeros os mitos nacionais torguianos que simultaneamente explicam a formação de Portugal e exaltam uma, ou mais, das componentes da “tríade bendita”. São mitos que exigiram muito a eles próprios e que nos exigem muito, contudo o que impõem está ao nosso alcance, desde que pratiquemos “a multiplicação incansável do autêntico” e acreditemos que “temos nas nossas mãos o terrível poder de recusar.”. Na impossibilidade de a todos eles nos referirmos, optámos pelos que se nos afiguram ser os mais significativos mitos torguianos, colectivos e individuais. Entre os colectivos destacamos: a sociedade megalítica; o comunitarismo; e a sociedade do século XV. Quanto aos individuais realçamos: Ulisses; Viriato; D. Dinis; D. Nuno Álvares Pereira; Infante D. Henrique; Diogo Cão; Vasco da Gama; Camões; Padre António Vieira; Alexandre Herculano; Pessoa; e..., ele próprio, Miguel Torga.

É muito tarde (década de 80) que o **Megalitismo** se torna um tema recorrente na obra de Torga, contudo o poeta das fragas disse-nos, em relação aos monumentos megalíticos de S. Martinho de Anta(s), que os venera “desde rapaz (...) como sacrários de uma ancestralidade a que” era “fiel”. (*Diário*, 21-9-1984).

Torga acreditava com uma força avassaladora, como acontecia com todas as coisas importantes em que acreditava, que:

- “... é no homem dolménico que radicam os valores espirituais que ainda nos motivam. A ideia de imortalidade, de uma vida para além da vida, certamente a mais rica de consequências que a condição humana concebeu, terá sido ele que a teve pela primeira vez.” (*Diário*, 9-6-1987).

- “...foram os nossos antepassados neolíticos os primeiros a erguer esses sólidos e misteriosos monumentos...” (*Diário*, 9-6-87).

- “Antes de o parecer, Portugal já o era, com as fronteiras traçadas pelo seu génio criador. A percorrê-lo semeado de antas, só o não entende assim quem de todo de si próprio se esqueceu. Quem já não é capaz de avivar na memória arcaica como e onde começou a ser homem e a ter pátria.” (*Diário*, 1-6-1986).

Parece-nos inquestionável que as ideias de Torga sobre megalitismo, que acabamos de citar, nos provam que para o autor de *Portugal* o território português era já muitos

anos antes do início da nacionalidade um espaço sagrado. É neste espaço, de sagrado património natural e construído, que se multiplicaram (e multiplicam) as mensagens colectivas e individuais que vão ser uma perpétua seiva da constante formação da nação.

Miguel Torga, súbdito do *Reino Maravilhoso*, teve desde a infância um profundo contacto com o **Comunitarismo**. Num discurso proferido em 1-6-1974 e publicado em *Fogo Preso* o escritor transmontano diz-nos: “Profundamente enraizado no chão nativo, e orgulhosamente fiel à condição de origem, sempre a lição dos livros, a dialéctica dos teóricos e a eloquência dos tribunos pesaram muito menos no meu critério do que a sabedoria ancestral do comunitarismo agrário e pastoril que me corre nas veias (...)”.

Contudo, as vivências de paradigmas perfeitos de comunitarismo só as terá já em idade adulta, quando visita os três santuários do comunitarismo português: Rio de Onor, Vilarinho da Furna e Castro Laboreiro. Pensamos que alguns dos momentos mais intensos do Torga poeta e do Torga prosador foram vividos nestas três aldeias, porque foi aqui que viu “pela primeira vez ao natural criaturas de Deus na sua plenitude livre e solidária.” Foi em 1976 que o diarista fez esta afirmação, terminando a sua entrada no “Diário” com a seguinte declaração de fé: Tenho como verdade de fé que o homem há-de acabar por reagir contra a massificação planetária em que vai embarcado. (...). Nessa hora redentora, que não deve tardar – e, quanto mais tarde, pior -, estes santuários serão redescobertos, reconstruídos e dignificados.” (Castro Laboreiro, 17-7-1976).

Torga não estava sozinho neste seu culto pela sabedoria do “comunitarismo agrário e pastoril”, que desempenhou um papel capital na formação da idiossincrasia nacional. Ao seu lado, e cremos que em grande parte por detrás dele, estava Jorge Dias, com as suas monumentais monografias sobre Rio de Onor e Vilarinho da Furna e, ainda, diversos ensaios ( ver a obra “Ensaios Etnológicos”).

Como terceiro e último mito colectivo temos a **Sociedade do século XV** (que entra cerca de duas décadas pelo século seguinte). De facto, para Torga, a sociedade perfeita dos Descobrimentos é a do século de Nuno Gonçalves (XV) e não a do século de Diogo

do Couto (XVI). Ele vê no retrato dos *Painéis* a família portuguesa tal como era no passado e como, espera, “será no futuro”: “Não há rosto lusíada paradigmático, avalizado pela história, que não esteja ali (...) figurado ao natural, decidido a tudo, alheado de tudo, resignado a tudo.” (“Diário”, 27-5-1983). E noutra nota do *Diário* afirmou: “(...) o políptico, em vez de uma misericórdia de almas hierarquizadas e suplicantes à sombra de qualquer capa, é uma confraternização viril de homens da mesma grandeza, livres e triunfantes ao lado uns dos outros.” (8-4-1965)

É esta sociedade decidida “a tudo” e constituída por homens “livres e triunfantes” que irá inspirar ao autor de “Traço de União” meditações que teve quando em 1954 viajava de barco para o Brasil, e às quais se refere nos seguintes termos em carta ao seu amigo e colega Ribeiro Couto: “Por uma questão de pudor, passo em claro as meditações que fiz, abismado naquela lezíria líquida e traiçoeira onde toureámos a história.” (“Traço de União”, p. 149)”. É também esta sociedade do século de Nuno Gonçalves, do Infante D. Henrique, de Diogo Cão e de Vasco da Gama que inspirou ao poeta um dos seus mais sublimes poemas – “Tormenta” -, em cuja última estância pensamos que Torga terá atingido o que incansavelmente procurava : o amor absoluto. Oiça-mo-la:

“O naufrágio alargou-se ao mar inteiro.

E o corpo morto dum herói, primeiro

Cruzado da unidade deste mundo,

No dorso frio duma onda irada,

Mandou aos mortos, com a mão na espada,

Boiar o sonho, que não fosse ao fundo.”

Podemos considerar **Ulisses** o primeiro mito torguiano individual da (Pré) História de Portugal. Embora Torga não tenha ido tão longe quanto Pessoa, que afirmou que Ulisses “Por não ter vindo foi vindo/ E nos criou”, atribuía-lhe enorme importância e com ele se identificava: “Ulisses desterrado/ No mar da vida” (poema “Penélope”, *Diário*, 1-6-65) e “da lançadeira da minha pena, erguem-se violências e aventuras.” *Diário*, 17-12-1952).

O aparecimento de Ulisses na obra torguiana, é ainda importante a outros dois níveis. Um está relacionado com a lenda da fundação de Lisboa. Inspirado no cavalo alado do marido de Penélope que Almada Negreiros pintou num dos murais da Gare Marítima de Alcântara, o *Orfeu Rebelde* diz que “a imaginação de todos os artistas que

souberam aprender a grande lição dos Almadás” tinha, tal como Ulisses, “Pégasos alados, de crinas revoltas, soltos, sem freio (...)” (*Diário*, 11-9-93). E por fim o Ulisses da obra torguiana é fundamental para nos ajudar a compreender a importância atribuída pelo escritor à cultura grega. Os seus colegas gregos não escondiam que qualquer “herói [e Torga exemplifica com Heitor e com Ulisses], por maior que se apresente aos nossos olhos, anda sempre acompanhado dum rabo-leva, que o reduz ao pouco que todos os homens são.” (*Diário*, 26-1-1942). E para o autor do *Diário* esta característica da literatura grega tem um enorme valor pedagógico pois “não há nada mais salutar na educação dum povo do que este contraponto, que engloba na mesma solfa a heroização e a deseroização. Estabelece-se o equilíbrio entre a maré alta e a maré baixa, e creio que é na oscilação entre estes dois pólos que consiste a força do mar.” (*Diário*, 26-1-1942).

**Viriato**, o grande herói da resistência ibérica aos romanos, tem, para Torga, duas virtudes de capital importância: o desejo da liberdade e a capacidade “De namorar o chão em vez do céu.” (“Poemas Ibéricos”). Num dos seus mais fortes auto-retratos, o autor do “Diário” identifica-se com Viriato ao considerar-se “Uma estrela no chão”. (“Diário”, 3-1-1932).

O autor de *Portugal* tem um enorme culto pela sociedade, literatura e arte medievais. Nenhum estilo arquitectónico o impressionou tanto quanto o românico, e muitas aldeias históricas do interior do país, com os seus pelourinhos, fontes, igrejas e castelos, inspiraram ao diarista Torga momentos de profunda meditação e emoção. O “grande rei/Poeta” medieval **D. Dinis** não surge nos “Poemas Ibéricos”, mas não deixa de ser um mito para Torga. Talvez por ser poeta, o rei lavrador teve a arte de semear “um futuro Portugal,/ Confiado na graça da semente.” (“Diário”, 21-11-84)

**D. Nuno Álvares Pereira** é outro dos grandes mitos medievais torguianos. Depois duma visita que fez a Aljubarrota Torga escreveu: “De vez em quando faz bem retemperar o patriotismo nos lugares onde ele tem mais legitimidade. E em Portugal não há outro tão significativo como este. Aqui já não foi a ambição do poder que terçou armas. Foi a liberdade que não se deixou vencer por nenhum argumento.”

(“Diário”, 22-3-1983). Mas o autor de “Poemas Ibéricos” achava que o Condestável suplantou-se e “Já sem cota de malha”, combateu por “outro Reino e outro Rei” (“Poemas Ibéricos”).

**O Infante D. Henrique**, consciente herdeiro do “futuro Portugal” semeado por D. Dinis e do exemplo de superação de D. Nuno Álvares Pereira, vai ser o mito mais paradigmático da época dos Descobrimentos. Com “vontade e confiança” o Infante de Sagres (“Sagres humano com raiz no mar”) (“Alguns Poemas Ibéricos”) enfrenta “O medo acomodado/ Que não deixa passar” e, sendo o único que é capaz “De ir à frente e de ser o derradeiro”, (“Poemas Ibéricos”) conquista o direito de ser o primeiro entre os seus pares da sociedade magistralmente retratada por Nuno Gonçalves.

Tal como D. Dinis, **Diogo Cão** não figura nos “Poemas Ibéricos”, mas é também um dos mitos torquianos. Na viagem que o autor do “Diário” realizou a África, em 1973, fez questão em visitar a foz do rio Zaire. Aqui, o poeta de S. Martinho de Anta sente, com enorme intensidade, que o seu comprovinciano era um navegador que “só descobriu/ E nada conquistou”. Se tivermos em conta a mentalidade franciscana de Torga, não podemos deixar de perguntar se caso Torga tivesse ido a Santo António do Zaire antes da publicação de “Poemas Ibéricos” (1965) não teria incluído o poema “Diogo Cão” no livro dos seus mitos.

Torga utiliza **Vasco da Gama** para, mais uma vez, nos dizer que para triunfar o que é fundamental é a vontade e a coragem. Impõe-se citarmos uma boa parte do poema “Vasco da Gama”:

“Somos nós que fazemos o destino.  
Chegar à Índia ou não  
É um íntimo desígnio da vontade.  
(...)”

O próprio génio pode estar ausente  
Da façanha.  
Basta que nos momentos de terror,  
Persistente,  
O ânimo enfrente

A fúria de qualquer Adamastor.

**Camões** tornou-se, a partir de inícios da década de cinquenta, a principal referência literária de Miguel Torga. Até então Torga era somente sensível à lírica camoniana; o que o épico escrevia não era mais do que uma “epopeia para uso interno.” (“Diário”, 28-6-1941). Mas em “Alguns Poemas Ibéricos” (1952) Camões já surge como “gênio”, “herói”, e “louco a cantar e louco a combater.” E quando Torga recebeu o prêmio Camões (10-6-1989) referiu-se ao “gênio”, “herói” e “louco” nos seguintes termos: “(...) é ele o meu paradigma do intelectual apegado ao ninho e solto, desassossegado, errante, aventureiro daquém e dalém mar, ávido de ver e saber, figuração perfeita da universalidade mental enraizada.” (“Diário”, 10-6-1989).

Compreende-se, assim, que Camões tenha, em boa parte, ajudado Torga a criar a sua galeria de mitos.

O escritor e orador **Padre António Vieira** (“gênio, mago e aventureiro”; “Aluno do Bandarra” E mestre/ De Fernando Pessoa”) foi o primeiro grande português a sonhar “O homem lusitano/ À medida do mundo.” Acreditamos que Torga foi, em grande parte, um aluno de António Vieira, mestre com quem sentiria enormes afinidades: o gosto pela escrita, o universalismo lusitano e uma paixão pelas terras e gentes do Brasil.

O século do Liberalismo (século XIX) tem em Portugal grandes figuras. Uma tornou-se mítica para Torga: **Alexandre Herculano**. A tenacidade e lucidez com que o autor de *Lendas e Narrativas* lutou pela Liberdade, Verdade e Amor levou Torga a afirmar que “Leva tempo a tornar-se natural/ Que uma grandeza tal/ Tenha existido.” (“Poemas Ibéricos”).

O século XX português tem dois mitos torguianos: **Fernando Pessoa** e Miguel Torga. A esmagadora maioria das referências que Torga faz aquele que se considerava um “supra Camões” são ao Pessoa da “Mensagem”. Nos últimos três versos do poema que lhe dedica em “Poemas Ibéricos” traça uma magistral síntese do que pensa sobre este

Pessoa: “Foi o vidente filho universal/ Dum futuro-presente Portugal,/ Outra vez trovador e argonauta.”

Palavras-chave em “Mensagem” são-no também na obra do autor de “Portugal”, tais como: Árvores, Aves, Cores, Deus, Esperança, Europa, Homem, Loucura, Mar, Mito, Portugal, Sonho, Sons, Unir e Verdade.

Assim como Pessoa (e, certamente, também como Camões) **Miguel Torga** queria que Portugal fosse um país de trovadores e de argonautas.

A poesia era para Torga a mais sublime expressão artística: “Abóbada majestosa da cultura, céu onde todas as cores se juntam e purificam, só a poesia poderá unir a pacificar a humanidade de hoje (...)” (Diário, 2-2-1951). E ele, que se considerava essencialmente um poeta, tinha momentos em que acreditava que a sua poesia possuía uma força divina. No poema “Catequese” o poeta diz:

Reza comigo, se te queres salvar.

(...)

Reza comigo, a ler-me e a memorar

Os versos que mais possam alargar

O teu entendimento

(...)

Purificada neles, terás então

No coração

A paz aliviada que te falta agora.

É também este poeta (quase divino) que sente, não raras vezes, uma comunhão com Portugal tão completa quanto a que ele sentia haver entre Colette e a natureza. (veja-se *Diário*, 11-9-1954).

Em 16 de Dezembro de 1963 Torga escreveu no *Diário*:

### ***Portugal***

Avivo no teu rosto o rosto que me deste,

E torno mais real o rosto que te dou.

Mostro aos olhos que não te desfigura

Quem te desfigurou.

Criatura da tua criatura,

Serás sempre o que sou.

(...)

Miguel Torga acreditou neste dia de Dezembro, de uma forma particularmente intensa, que era o gajeiro e o timoneiro de Portugal. Exilando-se “Na gávea do futuro,/ Mais alta ainda do que no passado.” o trovador e argonauta Torga não duvidou que poderia levar Portugal ao encontro do Tosão de Ouro.

A confiança tão quente que sentiu nesse dia em que escreveu o poema *Portugal* não viria a repetir-se, contudo a sua comunhão com a Pátria continuou igualmente intensa e quase sempre lúcida e criativa.

Mesmo quem leia da obra de Torga somente os textos referentes aos seus mitos nacionais não poderá ficar com a ideia de que o autor de *Portugal* era um nacionalista (primário). De facto para Torga (assim como para Camões, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Fernando Pessoa) muito para lá da nação está sempre a humanidade. É esta a única leitura possível da sua reflexão em Olivença (“Diário”, 5-6-1954): “A ideia de nação, embora historicamente se justifique, pelo menos cá neste Ocidente, não é de certeza a última palavra em matéria de arrumação do mundo. Uma noção mais ampla e profunda de comunidade de sentimentos e de interesses há-de substituir-se, inevitavelmente, a essa actual fraternidade murada e compartimentada.”

Este ano, 2011, no dia 16 de Maio, completa-se o 1º centenário do Turismo Nacional. Pensamos que Portugal reúne as condições necessárias para que a organização e a oferta do Turismo Cultural dê um salto qualitativo significativo. E a literatura nacional poderá (e deverá) dar um enorme contributo para ajudar os turistas a verem a alma dos lugares visitados. Miguel de Unamuno (outro mito torguiano) escreveu no seu livro “Por Terras de Portugal e da Espanha” (publicado precisamente há cem anos): “Faço lá [a Portugal] uma viagem pelo menos uma vez por ano, e cada vez volto mais conquistado por esse povo sofredor e nobre. Mas ao que me afeiçoei decididamente foi à literatura portuguesa.”

José Manuel Cymbron  
Jose\_cymbron@sapo.pt  
Instituto Superior de Novas Profissões (Departamento de Turismo)

## Torguian Myths and the Forming of Portugal

*“How myths are needed, after all!”*  
(Torga, “Diário”, 6-8-1976)

*“(…) the richest humanity has only one thing worth to be said and (...) it must only strive to say it the best way possible of all possible ways.”*  
(Torga, “Diário”, 11-10-1979)

**Key words:** Absolute, Community Life, Destiny, Life, Discoveries, Freedom, Literature, Love, Megalithic Society, Myth, Nation, Tourism, Truth and Universalism.

As we advance in the study of the work by the author of *Portugal*, it increases within us the belief that the “the thing” Miguel Torga thought was worth “to be said” was: “there is a blessed triad that justifies the passage of any man through this world.” (“Diário”, 9-12-1993). That “blessed triad” is: love, truth and freedom. (“Diário”, 9-12-1993).

And, most likely the strongest way Torga found to say that “thing” was through the mythification of his homeland.

Claire Cayron, French translator of the torguian work, used to claim that Torga had lifted *Trás os Montes* to a myth level. To us, it is obvious that Torga fundamentally helped by Camões (“*Os Lusíadas*”), Teixeira de Pascoaes (“*Arte de Ser Português*”), Cortesão (“*Portugal – a Terra e o Homem*”) and Pessoa (“*Mensagem*”), hoisted to a myth level not only the (Marvellous Kingdom) but Portugal entire.

From Portugal, where he stands as the watchman in a topsail of a caravel, the author of (*Cântico do Homem*) scrutinizes both the local and the universal, feeling that through his country’s mythified History (including Pre-History) he manages to pass on the message.

There are numerous torquian national myths which simultaneously explain the forming of Portugal and exalt one or more components of the “blessed triad”. These myths have demanded a great deal from themselves and demand a lot from us. However, whatever they impose is at our reach, provided we practise the «indefatigable multiplication of the authentic» and that we believe that “we have in our hands the terrible power of refusing.” As it is impossible to name all of them, we selected those who appear to be the most significant collective and individual torquian myths. Among the collective ones, we point out: the megalithic society; community life; and society in the era of Discoveries. As for the individuals we allude to: Ulysses, Viriato, D. Dinis; Nuno Álvares Pereira; Infante D. Henrique; Diogo Cão; Vasco da Gama; Camões, Padre António Vieira; Alexandre Herculano; and..., himself, Miguel Torga.

It is much later (in the 80’s) that **Megalitism** becomes a recurrent theme in Torga’s work, nevertheless the poet of the rocks told us about the S. Martinho de Anta(s)’ megalithic monuments that he reveres them ‘since boyhood (...) as tabernacles of an ancestry he was ‘faithful’ to. (Diário, 21-9-1084).

Torga believed, with a devastating strength, as it happened with all the important things he believed in, that:

- «.... It’s in the dolmenic man that the ever motivating spiritual values are still rooted. The idea of immortality, from one life to a life beyond, surely the richest one in consequences that human condition has ever conceived, was his for the first time. » (Diário, 9-6-87).
- «... Our Neolithic ancestors were the first to heave those sound and mysterious monuments...» (Diário, 9-6-87).
- «Before appearing to be, Portugal already was, with its borders drawn by its creative genius. Running through it sowed with dolmens, only those who forgot about themselves do not understand that. Those who are no longer able to revive in their archaic memory how and where they started to be men and have a homeland.» (Diário, 1-6-86).

It seems to us unquestionable that Torga's ideas on megalithic age, that we have just quoted, proof that for the author of Portugal, the Portuguese territory was many years before the beginning of the nationality a sacred space. It's within this space, of natural and built sacred patrimony, that the collective and individual messages that are going to be a perpetual sap for the constant forming of the nation, were multiplied (and still are).

Miguel Torga, subject of the "Marvellous Kingdom", ever since his childhood maintained a profound contact with **Communitarism**. In a speech pronounced in 1-6-1974 and later published in 'Fogo Preso' the 'transmontan' writer proclaims: « profoundly rooted in the native ground and proudly faithful to the condition of origin, the lesson in the books, the dialectic of the theoreticians and the eloquence of the tribunes always weighed much less in my criteria than the ancestral knowledge of the agrarian and pastoral communitarism running in my veins (...) ».

However, he will only experience perfect paradigms of communitarism in adulthood, when visiting three sanctuaries of the Portuguese communitarism: Rio de Onor, Vilarinho da Furna e Castro Laboreiro. We do believe that some of the most intense moments in Torga's life were lived in these three villages, because it was here that he saw « for the first time in a state of nature God's creatures in their free and solidarity-based plenitude.» The diarist wrote this statement in 1976, finishing his entry in the 'Diário' with the following statement of faith:« I consider as a truth of faith that men will eventually react against the planetary mass production they are embarking into. (...). In that redeeming hour that should not take too long coming – the later the worst – these sanctuaries will be rediscovered, rebuilt and dignified». (Castro Laboreiro, 17-7-1976).

Torga was not alone in his cult for wisdom of «agrarian and pastoral communitarism», which played a vital role in forming the national idiosyncrasy. At his side, and largely behind him, we believe, was Jorge Dias, with his monumental monographs on Rio de Onor and Vilarinho da Furna and a variety of essays (See 'Ensaios Etnológicos).

As third and last collective myth, is the **15<sup>th</sup> century Society** (penetrating about two decades into the following century). Actually, for Torga, the Discoveries perfect society is Nuno Gonçalves' century (15<sup>th</sup>) and not Diogo do Couto's century (16<sup>th</sup>). He sees the Portuguese family portrayed on the 'Painéis' as it used to be in the past and as he hopes, 'will be in the future': «there is no 'Lusiad' paradigmatic face guaranteed by History that is not there (...) shown unaffected, determined to everything, away from everything, resigned to everything.» (Diário', 27-5- 1983). In another 'Diário''s note he stated: «(...) the 'político' , in stead of a charity of hierarchical souls begging in the shade of some cloak, is a virile men's fraternization of the same greatness, free and triumphant standing next to each other.» (8-4-1965)

It is this society determined to 'everything' and composed by 'free and triumphant' men that will inspire the author of 'Traço de União', meditations he had while on a boat journey to Brazil in 1954 that he mentions in a letter to his friend and colleague Ribeiro Couto:« for the sake of decency, I shall not mention my meditations, bewildered in that liquid and treacherous 'leziria' (marsh) where we bullied History». (Traço de União p. 149). It is also this society of Nuno Gonçalves, Infant D. Henrique, Diogo Cão and Vasco da Gama's century that has inspired one of the poet's most sublime poems - «Tormenta» ("Tempest") in whose final stanza we think Torga has reached what he was indefatigably seeking : absolute love. Let's listen to it:

"The shipwreck widens out to the larger sea.  
And the dead body of a hero, the first Crusader  
To the unity of this world, on the cold back  
Of an angry wave, ordered the dead, hand  
On sword, to keep the dream afloat,  
That it not sink to the bottom of the sea." (in "Poemas Ibéricos")

We may consider **Ulysses** the first individual torquian myth of the (pre) History of Portugal. Although Torga did not go as far as Pessoa who stated that Ulysses "For he didn't come he was coming/ and created us" he attributed him huge importance and identified with him : «banished Ulysses/ in the sea of life» ("Penélope" poem; Diário, 1-6- -65) and "from my shuttle rise violences and adventures» Diário, 17-12-1952).

Ulysses appearance in the Torguian work is still important at other two levels. One is related with the legend of the founding of Lisbon by Ulysses. Inspired in the winged horse of Penelope's husband painted by Almada Negreiros on a wall painting of the Alcantara Maritime Station, the Rebel Orpheus says that: «the imagination of all artists who knew how to learn the great lesson of the Almadás» had like Ulysses «winged Pegasus, flying mane, free with no bit (...)» (Diário, 11-9-03). Finally, the torquian Ulysses is fundamental to help us understand the importance granted by the writer to Greek culture. His Greek colleagues would not hide that any «hero (and Torga gives the example of Hector and Ulysses) as great as he may appear to our eyes he's always accompanied by a 'rabo-leva' (rag tail) which reduces him to the smallness of all men.» (Diário, 26-1-1942). For the Diário's author this feature of the Greek literature bears a huge pedagogical value since «there is nothing healthier in the education of a people than this counterpoint, enclosing in the same score 'heroization' and 'deheroization'. The balance between high tide and low tide is established and I think that it's in the oscillation between these two poles that the strength of the sea consists in.»

**Viriato**, the great hero of the Iberian resistance to Romans has, for Torga, two virtues of paramount importance: the wish for freedom and the ability to make "love/ To the soil instead of the sky." In one of his deepest self-portraits, the author of "Diário" identifies himself with Viriato when he considers himself "A star on the ground." ("Diário", 3-1-1932).

The author of *Portugal* worships medieval society with its literature and art. No architectural style has impressed him as much as the Romanesque one, as well as many hinterland historic villages, with their pillories, fountains, churches and fortresses which have inspired moments of profound meditation and emotion that Torga recorded in his Diary. Although the medieval "great king/poet" **D. Dinis** was not contemplated in the "Iberian Poems", he is nevertheless a myth for Torga. Perhaps

because he was a poet, the King farmer possessed the art of sowing “a future Portugal,/ Trusting in the grace of the seeds.” (“Diário”, 21-11-84).

**D. Nuno Álvares Pereira** is another of the medieval Torga’ heroes. Once after visiting Aljubarrota Torga wrote: “every once in a while it makes sense to revitalize patriotism in the places where it has more legitimacy. And in Portugal there is no other place as significant as this - here, it was not greed that gave rise to warfare. Rather it was freedom that didn’t give in to any argument.” (“Diário”, 22-3-1983). But still more important than this was the fact that the warrior Álvares Pereira, who started fighting for the independence of his homeland, supersedes himself and “now free from coat of mail”, combats for “another Kingdom and a different King.” (in “Poemas Ibéricos”)

**Infante D. Henrique**, conscious heir of the “futur Portugal”, sowed by D. Dinis, and of the exceeding example of D. Nuno Álvares Pereira, is going to be the most paradigmatic myth of the Discoveries age. With “will and trust” the ‘Infant of Sagres’ (“Human Sagres rooted in sea” - “Alguns Poemas Ibéricos”) dares “The compliant fear/ That does not permit passage.” and being the only one “Who alone is capable/ Of leading and of being the last.”, (“Poemas Ibéricos”) conquers the right to be the first among peers of his society, brilliantly portrayed by Nuno Gonçalves.

Such as D. Dinis, **Diogo Cão** is not present in the “Poemas Ibéricos”, but is also one of the torquian myths though. In the voyage made to Africa in 1482 by the author of “Diário”, he insisted on visiting the mouth of river Zaire. Here the poet of S. Martinho de Anta senses very intensively that his province fellow was a navigator that ‘discovered only/ and conquered nothing’. Considering Torga’s Franciscan mindset we cannot help but ask: had Torga visited Santo Antonio do Zaire before publishing ‘Poemas Ibericos’ (1965) wouldn’t he have included the poem ‘Diogo Cão’ in the book of his myths?

Torga utilises **Vasco da Gama** to, once again, tell us that the fundamental thing leading to triumph is will and courage. It’s imperative to quote here a good portion of his poem “Vasco da Gama”.

“Vasco da Gama” :

“We are the ones who make destiny.  
To reach India or not  
Is an intimate scheme of the will.  
(...)”

Genius itself may be absent  
From the achievement.  
Suffice it that in moments of terror,  
Persistently  
The soul confront  
The fury of whatever Adamastor.

**Camões** became, as of the early fifties, Miguel Torga’s principal literary reference. Up until then, Torga was only sensitive to the Camonian lyric. Whatever the epic author wrote was nothing but a ‘epic for domestic usage’ (‘Diário’, 28-6- 1941). But in “Some Iberian Poems” (1952) Camões appears as a ‘genius’, a ‘hero’ and a ‘madman singing and a madman fighting’. When Torga was awarded the Camões Prize (10-6-1989) he referred to the ‘genius’, ‘hero’ and madman’ in the following terms: «... he’s my paradigm of the intellectual clinging to the nest and free, disturbing, unsettled, adventurer here and overseas, greedy to see and know, a perfect figuration of the rooted mental universality». (‘Diário’, 10-6-1989).

Thus, we understand that Camões helped Torga a great deal to create his own gallery of myths.

The writer and speaker **Padre (Father) António Vieira** (“genius, magician and adventurer”; “Student of Bandarra/ And master/ To Fernando Pessoa”) was the first great Portuguese to dream “the Lusitanian man/ In global measure.” We believe that Torga was largely a disciple of Antonio Vieira, a master with whom he would feel huge affinities: love for writing, Lusitanian universalism and a passion for the land and people of Brazil.

The century of Liberalism (19th century) includes in Portugal great figures. One of them became a mythical one for Torga: **Alexandre Herculano**. The deep-seated nature and lucidity displayed by the author of *Lendas e Narrativas* in his fight for Liberty,

Truth and Love made Torga asseverate that “when the creature’s/ Size/ Exceeds the very excess allowed,/ It takes time for it to seem natural again/ That such greatness has actually existed.” (“Poemas Ibéricos).

The Portuguese 20th century has two Torguian myths: **Fernando Pessoa** and Miguel Torga. The overwhelming majority of the references made by Torga to the one that considered himself a ‘supraCamões’ go to the Pessoa of “Mensagem”. In the last three verses of the poem he dedicates to him in “Poemas Ibéricos” he depicts a gorgeous synthesis of his thoughts about this Pessoa: “He was the universal seer son/ Of a presente-future Portugal,/ At once troubadour and Argonaut.”

Keywords in “Mensagem” are also present in the work of the author of “Portugal”, such as: Sea, trees, birds, colours, God, hope, Europe, man, myth, Portugal, dream, sounds, unite and truth.

Like Pessoa (and no doubt, like Camões) **Miguel Torga** wanted Portugal to be a country of troubadours and argonauts.

Poetry was for Torga the most sublime form of artistic expression: “Culture’s majestic vault, sky where all colours meet and purify, only poetry will unite and pacify today’s humanity (...)” (Diário, 2-2-1951). And he, who essentially considered himself a poet, had moments in which he believed his poetry carried a divine force. In his poem “Catequese” (Catechesis) he says:

Pray with me, if you want to be saved  
(...)  
Pray with me, reading to me and memorize  
The verses that may expand the most  
Your understanding  
(...)  
Purified in them you will have then  
The relieved peace you miss now  
In your heart.

It is also this (nearly divine) poet who often times feels a communion with Portugal as complete as the existing between Colette and nature.

December 16th 1963 Torga wrote in his *Diário*:

## ***Portugal***

I invigorate in your face, the face you gave me  
And make more real the face I give you  
I show to the eyes that whoever disfigure you  
Doesn't disfigure you  
Creature of your creature  
You'll always be what I am.  
(...)

Miguel Torga believed in this December day, very intensively that he was Portugal's top man and helmsman. Taking exile in the 'topsail of the future/ still higher than in the past', Torga, a troubadour and Argonaut, had no doubts he could steer Portugal to find the Golden Fleece.

The warm trust he felt the day he wrote the poem *Portugal* would never repeat, however his communion with his homeland continued equally intense and almost always lucid and creative.

Even those who read out of Torga's work only texts referring to his national myths will not keep the idea that Torga was a (primary) nationalist. In actual fact, for Torga (as well as for Camões, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão and Fernando Pessoa) yonder the nation there is always humanity. That's the only possible interpretation of his reflexion in Olivença ("Diário", 5-6-1954): "the idea of nation, although historically justified, at least in the western world, it's certainly not the last word in world planning. A wider and more profound notion of community of sentiments and interests will replace inevitably that current walled and compartmented fraternity."

May 16th of the current year, 2011, will mark the 1<sup>st</sup> Centennial of the National Tourism. We think Portugal gathers all the necessary conditions so the organization and the supply of Cultural Tourism take a significant qualitative leap forward. And the national literature may (and should) give a huge contribution to help tourists see the soul of the visited places. Miguel de Unamuno (another torquian myth) wrote in his book "Por Terras de Portugal e da Espanha" (Through the lands of Portugal and Spain – published precisely one-hundred years ago): "I take a trip there [Portugal] at least once

a year, and every time, I return home more overrun by that (...) people. But definitely I'm totally devoted to the Portuguese literature."

José Manuel Cymbron

Jose\_cymbron@sapo.pt

Instituto Superior de Novas Profissões (Tourism Department)